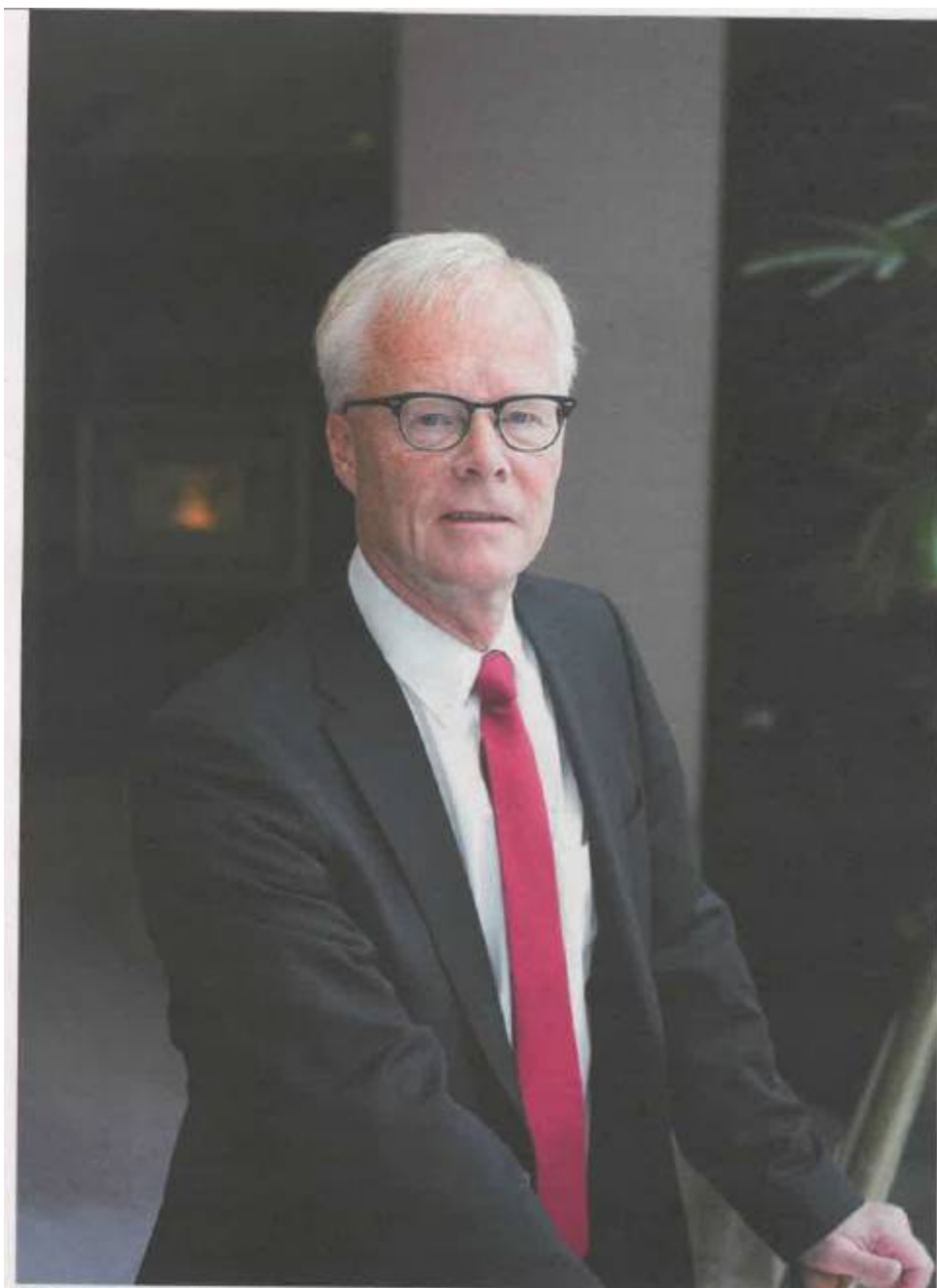




# **Segurança privada.**

## **“Nem todas as empresas vão conseguir sobreviver”**

Atentados terroristas e crise de refugiados exigem novas respostas e soluções por parte das empresas privadas de segurança



Alf Goransson, CEO do grupo Securitas

DR



SÓNIA PERES PINTO

*sonia.pinto@ionline.pt*

A imposição dos meios tecnológicos está a ditar as novas tendências no mercado da segurança. Se até aqui era um setor que apostava em mão-de-obra humana, agora as regras mudaram e ele assenta num negócio digital de tecnologia e conhecimento em que nem todas as empresas conseguem sobreviver. "Esta é uma mudança dramática, o que significa que algumas empresas conseguirão aguentar e sobreviver, e outras irão simplesmente morrer", garante ao *i* o CEO do grupo Securitas, Alf Goransson.

"A indústria da segurança está a mudar por completo. Tudo é muito mais otimizado entre a tecnologia e as pessoas, e esta é uma mudança que está a ocorrer em todo o mundo e de forma muito rápida", salienta o responsável.

No entanto, Alf Goransson reconhece que essas alterações são mais fáceis de serem implementadas em empresas de maior dimensão. A explicação é simples: têm mais recursos para desenvolver soluções alternativas.

**NOVAS SOLUÇÕES** Mas as exigências não ficam por aqui. A par do acesso à tecnologia é também necessário combinar pessoas com as novas tendências. Uma forma de se ter melhor segurança é recorrer a câmaras inteligentes que permitem basicamente a deteção do crime antes da sua ocorrência. "Estas câmaras podem ser programadas para reagir a determinados acontecimentos. Se o cliente tem uma pessoa à sua porta e essa pessoa não deveria estar

lá a determinada hora, no seu apartamento ou empresa, a câmara envia-nos um alarme, nós vemos a imagem e agimos. Mas é necessário enviar alguém. A combinação de pessoas e tecnologia é necessária", salienta.

O grupo Securitas já usa câmaras inteligentes e tem desenvolvido soluções tecnológicas desta natureza em projetos por todo o mundo. "A câmara inteligente usa análise de vídeo e programamo-la, a título de exemplo, para que aceite que esteja apenas um número máximo de quatro pessoas numa sala. Se estão cinco pessoas ou mais, a câmara irá reagir e enviar um alarme para a Securitas", revela, acrescentando ainda que, nessa altura, a empresa decide se é uma ameaça real ou falsa. "Neste caso podemos ainda, através de um microfone que se liga através da câmara, dar o alerta de que estão demasiadas pessoas no local e que uma deveria sair. Caso este sistema não funcione, enviamos a polícia ou seguranças nossos", diz.

Desta forma, de acordo com Alf Goransson, consegue-se melhor segurança por um valor mais reduzido – uma fórmula vista, pelo mesmo, como atrativa para os clientes: "Todos querem ter poupanças, reduzir gastos e ter uma melhor relação qualidade-preço. E esta é uma forma muito inteligente de o fazer. Somos líderes mundiais neste campo."

**MUDANÇA DE PERCEÇÃO** Alf Goransson admite que a criminalidade violenta não está a aumentar, ao contrário da criminalidade cibernética. "O que está a alterar-se é a nossa perceção relativamente ao perigo



e ao crime em concreto, em que os riscos são maiores e existe mais valor para proteger. Nessa altura, as pessoas estão dispostas a pagar um valor extra para se certificarem, para se protegerem e salvaguardarem. Isso é o que realmente impulsiona o nosso mercado. Não é o número de ocorrências nem nada que se assemelhe. É mais a necessidade de as pessoas se assegurarem de que não terão interferências na sua vida pessoal ou no seu negócio. É uma questão de segurança e confiança. O sentimento de confiança e segurança é o que mais impacto tem nas pessoas”, refere.

E dá como exemplo o aumento dos atentados terroristas. “O volume de trabalho recente não tem permitido às forças de segurança de alguns países darem resposta a todas as necessidades, e isso abre espaço de entrada ao setor privado, que tem trabalhado em conjunto com a polícia”, lembra.

Daí o grupo estar já a trabalhar em alguns aeroportos portugueses e em mais de 180 aeroportos por toda a Europa. “São sempre

os próprios aeroportos a decidir alterar as regras de segurança, e depois nós só temos de nos adaptar e garantir que são cumpridas”, garante.

Por norma, as decisões de alteração são tomadas pelo próprio governo, em estreita articulação com os serviços de informação e os serviços de segurança pública. Os operadores privados entram numa fase posterior. “Normalmente executamos aquilo que nos pedem”, salienta Goransson.

“Após os ataques em Paris, depois

**Em Paris, o grupo  
recrutou 1100  
vigilantes em três  
dias após o ataque  
em novembro**

**Câmaras  
inteligentes  
permitem a deteção  
do crime antes da  
sua ocorrência**

do ‘Charlie Hebdo’, de novembro e dos atentados de Bruxelas, tivemos um boom de pedidos de clientes receosos e que queriam elevar os seus padrões de segurança. Isso levou-nos a empregar milhares de pessoas em poucos dias”, recorda.

No entanto, passado algum tempo, os níveis de segurança baixaram e diminuiu a necessidade de segurança adicional. Em Paris, por exemplo, o grupo recrutou 1100 vigilantes em três dias após o ataque em novembro. “Dois meses depois, tudo voltou ao normal. Portanto, os ataques terroristas são muito temporários e têm uma validade curta. Normalmente, dois meses depois, tudo se dissipa e desaparece.”

Ao contrário do que se verifica com a crise dos refugiados, em que as necessidades são outras: “Os locais de receção têm diversas necessidades no que diz respeito à vigilância e aos níveis de segurança devido a ameaças internas e externas”, conclui.

O grupo está atualmente presente em 53 países, mas continua à procura de novos mercados onde possa atuar nos próximos anos.